



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração dos 20 anos do Estatuto da Criança e do
Adolescente**

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 14 de julho de 2010

Vou ler a nominata, pelo menos, porque se eu esquecer, aqui, os nomes dos deputados e senadores, eu vou perder a votação.

Bem, eu ainda só queria cumprimentar... Eu só queria cumprimentar o companheiro Luiz Paulo Barreto, da Justiça,

Cumprimentar a Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Companheiro Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos,

O senador Cristovam Buarque,

A deputada Iriny Lopes,

A deputada Maria do Rosário,

O deputado Paulo Henrique Lustosa,

O Fábio Lustosa da Silva, presidente do Conanda – hein? Fábio Feitosa,

Cumprimentar o companheiro Meneguelli, presidente do Sesi,

Cumprimentar todos vocês que estão aqui,

Cumprimentar a imprensa.

Na verdade, eu estou com a minha agenda exageradamente comprometida hoje com reunião com a União Europeia, acordo Brasil-União Europeia.

[Quero] Dizer para vocês apenas o seguinte: eu não preciso falar como Presidente da República num caso que trata de crianças e de adolescentes. Todo mundo sabe que o tempo da palmatória não educava mais do que o tempo da conversa. O tempo em que uma servente entrava dentro de uma sala



de aula com uma régua de um metro e metia ela, de quina, na cabeça da gente não educava mais do que um tratamento adequado e carinhoso.

Então, nós fomos, ao longo do tempo, abolindo práticas que vieram de tempos antigos, em que a relação não era uma relação nem democrática e muito menos civilizada. Nós vencemos e estamos vencendo o tempo em que se achava que, para cuidar de um jovem em fase de delinquência ou no começo de uma delinquência, era preciso trancafiá-lo em uma cela e colocar alguém mais duro do que ele para bater nele sempre que fosse importante bater – não [sempre] que fosse necessário, mas [sempre] que fosse importante bater –; sempre que fosse necessário demonstrar a força do Estado, o jeito de educar do Estado, o jeito de punir do Estado sem nenhuma preocupação de que eu preciso trabalhar para recuperar essa pessoa, ou pelo menos começar a separar o joio do trigo para ver quem é que eu recupero em um mês, quem é que eu recupero em dois meses, quem é que eu recupero em um ano. Que tipo de profissionais novos nós vamos ter para cuidar disso, porque também é preciso uma política de preparar profissionais para cuidar disso.

Nós, agora, estamos diante de um caso crônico, que é uma política de Estado para enfrentar o *crack* – não enfrentar os que jogaram na Copa do Mundo e todos os times – para enfrentar a droga, e nós detectamos que no mundo não existe especialista ainda para cuidar do *crack*, e nós estamos em um processo de formação de especialistas para a gente poder começar a estudar e cuidar de uma droga que é a mais mortal de todas, porque ela tem um efeito muito curto, de cinco a 15 minutos. Portanto, a pessoa vive querendo acender aquele cachimbozinho para ela poder viver no mundo da fantasia, e aí a recuperação é quase impossível.

Então, nós, que estamos diante de desafios e que temos, cada vez mais problemas para enfrentar, nós precisamos encarar essas coisas com a naturalidade de quem enfrenta os problemas dentro de casa, que não é muito diferente de enfrentar como se você fosse governante. Cada um de nós aqui



vai cuidar das crianças do Brasil como a gente cuida das nossas crianças dentro de casa. Se você não é um bom exemplo de pai, se você não é um bom exemplo de mãe, você não será um bom exemplo de governante. Você vai tentar fazer com aqueles que não são teus filhos legítimos, mas que foram adotados eleitoralmente, aquilo que você faz dentro de casa, sem respeitar...

O Paulinho falou duas vezes em beliscão. Beliscão é uma coisa que dói para cacete, Paulinho. Você sabe que eu me considero uma criança, eu diria, abençoada porque eu não me lembro, não me lembro de a minha mãe ter batido em um filho. O máximo que ela fazia, às vezes, era a gente... cinco homens deitados em uma cama, ela vinha com um chinelo, a gente esticava o cobertor e ela ficava batendo e a gente fingindo que estava doendo, gritando e ela ia embora, quem sabe, cansada; a gente tirava o cobertor e começava a rir porque não tinha acontecido nada conosco.

O meu pai, vocês viram... quem assistiu o filme viu que o meu pai era um homem bruto, mas eu também nunca apanhei do meu pai. Então, eu também nunca bati nos meus filhos, nunca, e eu acho que não é necessário bater. Eu acho que, muitas vezes, uma conversa séria... Muitas vezes, o pecado que nós cometemos, Paulinho, é que a gente nunca tem tempo para conversar com os nossos filhos. Nós temos tempo para tomar cerveja, nós temos tempo para ficar em uma reunião que não decide coisa nenhuma – é verdade –, nós temos tempo de participar de 300 assembleias por dia, nós temos tempo de fazer qualquer coisa. A única coisa que a gente não tem tempo é de perder uma hora por dia, sentando com os filhos e conversando [sobre] os problemas deles e os nossos, e talvez os nossos sejam até mais graves do que os deles, e a gente não conversa.

A gente não conversa sobre educação sexual com os nossos filhos; a gente acha que a natureza ensina, a gente acha que a natureza ensina. Se a gente não conversa adequadamente, outras pessoas vão conversar de forma inadequada, porque não é apenas o ato de fazer o sexo. São os efeitos



psicológicos do ato de fazer o sexo e as consequências que, muitas vezes, nós que achamos que temos mais experiência, que somos os sábios porque somos mais velhos, não temos coragem de fazer essas conversas. Nem as mulheres fazem com as filhas, nem os homens fazem com os filhos. O máximo que o homem brasileiro aprendeu a fazer, na sua forma mais banal de ser humano, era ter o orgulho de, quando o filho completasse 15 anos de idade, levá-lo em uma casa de prostituição para ele fazer a sua primeira experiência sexual. E o máximo orgulho do pai que tinha uma filha era achar que a filha deveria ser virgem até o dia do casamento sagrado, de véu e grinalda.

Nós nascemos assim, aprendemos assim, nos acostumamos assim, então é difícil mudar, porque não é uma coisa que a gente faz numa lei, num artigo de lei. É uma coisa que tem vários artigos de lei dentro dos nossos neurônios, que precisam mudar. Eu lembro quando este moço apresentou o terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos, vocês viram a quantidade de críticas de que nós fomos vítimas, vocês viram a quantidade de ataques que este companheiro recebeu na questão da terra, na questão da comunicação. Quando, na verdade, eu fui pegar o que tinha sido feito em 2006 e 2002, era muito mais radical do que o que ele tinha feito. Ora, por que, então, radicalizaram com ele e não com os outros? É porque eles sabiam que mesmo outros fazendo um texto mais radical, jamais seria colocado em prática; e eles sabiam que o dele, mesmo sendo mais maneiroso, era feito de verdade para a gente colocar em prática.

Então, se nós não descobirmos esse debate... Esse debate da Lei que nós mandamos agora, vai ter muita gente reacionária neste país, que vai dizer: “Não, estão querendo impedir que a mãe eduque o pai... que a mãe eduque o filho. Estão querendo impedir que a mãe pegue um chininho havaianas e dê um tapinha na bunda da criança”. Ninguém quer, ninguém quer proibir o pai de ser pai ou a mãe de ser mãe. Ninguém quer proibir. O que nós queremos é apenas dizer: “É possível fazer as coisas de forma diferenciada”. É difícil,



possível, plenamente possível! Até porque se punição e chicotada resolvesse o problema, a gente não tinha tanta corrupção neste país, a gente não tinha tanto bandido travestido de santo neste país.

Então, o que nós achamos é que está correto a gente enfrentar esse drama, esses problemas, porque eles estão na nossa casa; quando eles estão na nossa casa, eles estão na nossa rua; quando eles estão na nossa rua, eles estão na nossa vila, no nosso bairro, na nossa cidade, no nosso estado e no nosso país, e vai virando um problema social de monta que depois envolve todo mundo.

Eu estou lembrado – para terminar –, eu e estou lembrado quando, pela primeira vez... a Telma era prefeita da cidade de Santos, e tinha uma clínica chamada Clínica de Psiquiatria Anchieta. Era uma clínica que tratava de pessoas consideradas loucas, e do jeito que as pessoas chegavam lá, as pessoas tomavam logo uma daquelas injeções “sossega leão”, e eram jogadas – mulheres e homens juntos – e ali defecavam, urinavam, faziam sexo, mulheres engravidavam, ou seja, era o ser humano tratado da forma mais perversa que alguém poderia ser tratado. Então, nós tomamos a atitude de fazer uma intervenção naquela clínica. Fizemos uma intervenção e começamos a fazer um processo de criar condições de as pessoas serem tratadas em casa, de as pessoas serem cuidadas em casa, porque qual era o nosso objetivo? Era fazer com que o parente não sentisse vergonha do seu problemático, porque esse é um problema sério. É que a gente, também, não é preparado para cuidar de alguém que tem problema, então é melhor nos livrarmos do problema.

Então, nós começamos esse processo, depois nós fomos muito atacados... Eu lembro que nós colocávamos algumas mulheres, que eram consideradas loucas, a gente colocava para tomar conta de criança em creche, e foi um sucesso extraordinário; depois virou modelo de que era possível a gente recuperar as pessoas, e a maioria eram totalmente recuperáveis. Ora,



uma criança com cinco, seis anos de idade, com quatro anos de idade, tem direito de cometer todo o erro do mundo. Tem até o direito de colocar o dedo numa tomada e tomar um choque. Agora inventaram a tal da “tomada Lula”, que estão acusando que sou eu que fiz, que ninguém toma mais choque. Não é minha aquela tomada de três bicos, mas é um benefício... Mas o nome é “tomada Lula”, porque você tem que comprar a tomada nova, senão você não consegue ligar mais nada na tua casa. Mas aquilo é um benefício enorme para evitar que as crianças... Qual é a criança que não tem vontade de enfiar o dedinho num burquinho que está ali perto dela, ou enfiar um negocinho qualquer ali? Então, eu acho que... É o tempo em que a gente aprende falando bobagem, é o tempo em que a gente aprende caindo, é o tempo em que a gente aprende batendo a cabeça, é o tempo em que a gente aprende errando. Como é que a gente vai, então, querer punir as crianças no tempo em que está previsto biologicamente que elas têm que ser crianças? Não é possível.

Então, eu acho, companheiros e companheiras... estejam preparados porque nós estamos mandando uma coisa importante para o Congresso Nacional. Eu tenho consciência de que o Congresso irá aperfeiçoar, irá conseguir fazer melhor do que nós mandamos. Tenho consciência de que alguns setores conservadores vão fazer disputa conosco, vão pegar certamente as pessoas menos informadas, mas esse é o debate bom, esse é o debate bom. Esse é o debate que a gente tem que fazer, tem que encará-lo e tem que mostrar que nós estaremos atentos para garantir que as crianças sejam crianças e que os pais – a partir do pai, Presidente da República, dos ministros – aprendam a cuidar dos seus filhos da forma mais sadia possível. E que a televisão, e que a televisão brasileira ajude, ajude, porque muitas vezes eu vejo na televisão uma mãe chamar a atenção de uma filha, a filha bate a porta na cara da mãe com tanta força que derruba até a geladeira, e isso não é um exemplo de se mostrar. Então, eu acho que se todos contribuírem, a partir da escola, da professora, a partir do nosso comportamento pessoal, a partir



dos meios de comunicação, a gente pode ter, Cristovam, crianças muito mais bem tratadas do que nós fomos, e isso vai fazer o Brasil melhor do que ele é.

Parabéns a todos vocês.

(\$211A)